

O RECONTAR DO SUJEITO SURDO: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA

Nádia Fernanda Martins de Araújo¹

Rennan Alberto dos Santos Barroso²

Resumo: Este é uma pesquisa realizada em parceria com professores de Libras de rede estadual de Educação do Maranhão, no qual se pesquisou a apropriação da Língua Brasileira de Sinais por meio de contação de histórias a alunos do primeiro ano do Ensino Médio, na faixa etária de quinze e dezesseis anos, do Centro de Ensino Prof. Luiz Rêgo, uma instituição de ensino Estadual inclusivo do Estado do Maranhão, objetivando viabilizar a aquisição da língua por meio do brincar, criar e imaginar com as histórias, vistas como aliadas na superação das dificuldades e barreiras enfrentadas pelos surdos no ensino-aprendizagem, bem como promover a aquisição de vocabulário através da língua de sinais, estimular a criatividade e imaginação para a criação de histórias; apropriar-se do uso de classificadores.

Palavras-chave: Recontar. Aquisição de língua. Ensino-aprendizagem. Surdez.

Abstract: This paper was realized with Brazilian Sign language's teachers of Maranhão education, it is focus of the Brazilian Sign Language was investigated by storytelling to first year students of High School, in fifteen and sixteen age from Luiz Rêgo Higher Education Center, an inclusive education institution of Maranhão, aiming to make language acquisition possible by playing, criation and imagination with stories, to control the difficulties and troubles faced by the deaf in teaching-learning process, as well as promoting the sign language vocabulary acquisition, giving creativity and imagination for elaboration of story; using of classifiers.

Keywords: Sign language. Language acquisition. Teaching-learning.

1 Considerações iniciais

A educação brasileira direcionada para a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais vêm acontecendo com mais vigor nos últimos anos, isso deve em especial as legislações que surgiram, e que consecutivamente trouxeram benefícios significativos para esse grupo. Em relação aos alunos com Surdez, essa movimentação legal resultou a princípio o reconhecimento da língua de sinais, considerada como a língua natural para o Surdo.

Este fato se deve a condição visual que o Surdo possui, já que esse indivíduo devido não ter a capacidade de ouvir e interpretar os sons precisamente, compreender e

¹ Professora de Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), E-mail: nadiaaraujo1@hotmail.com

² Professor de Libras da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão, membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire, E-mail: rennan_barroso@hotmail.com.

interage com a sociedade por meios das experiências oculares que adquire ao longo da sua vida. Essa característica o torna no contexto educacional um aluno diferenciado, pois o Surdo ao adentrar no ambiente escolar, em tese, é utente de uma língua que não faz parte do currículo e geralmente não é o conhecimento dos gestores, professores e colegas de sala de aula.

Para que o Surdo possa de fato ser incluso e consiga desenvolver suas habilidades cognitivas, se faz necessário a presença de profissionais capacitados e fluentes na língua de sinais. Mas eventualmente o que vem acontecendo é a ausência de pessoas qualificadas prejudicando a aprendizagem do Surdo e ocasionando atrasos na sua escolaridade.

Uma das grandes barreiras nessa problemática é a língua, a grande maioria dos Surdos nascem em família ouvintes e por conta disso, não tem um contato linguístico que é tão importante nos primeiros anos de vida, isso reflete no cotidiano do Surdo na escola, pois ele começa a frequentar a sala de aula sem possuir uma língua materna, o que traduz na dificuldade em compreender os conteúdos curriculares.

Além disso, muitos professores desconhecem a diferença linguística do Surdo, a forma em que ele apreender o saber e metodologias que propiciam acessibilidade aos conteúdos, ocasionando exclusão deste aluno, e consecutivamente o fracasso escolar, pois prevalece uma incompatibilidade linguística e comunicativa entre professor e aluno.

A presença de um tradutor-intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) já é uma conquista em várias salas de aulas, pois este profissional possibilita um elo comunicativo entre Surdos e ouvintes, mas apenas a sua existência não soluciona todas as carências no âmbito do ensino e aprendizagem, são necessários mais recursos e mais profissionais envolvidos, como por exemplos, professores Surdos e bilingues, professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE), materiais visuais, projetores multimídias, e principalmente a participação da família em todo esse processo, já que a função da escola é ensinar e o da família educar.

Retomando a problemática da aprendizagem linguística do Surdo, este trabalho busca relatar uma experiência de campo, em uma sala de recursos de uma escola da rede estadual do Maranhão, no qual os alunos foram submetidos a uma prática de letramento

em língua de sinais através da intervenção do professor-instrutor de Libras. Para fundamentar essa pesquisa fez uso dos seguintes aportes teóricos, Quadros e Karnopp (2004), Reily (2008), Perlin e Miranda (2003) e Abromovich (1997).

2 Caminhos metodológicos

Do ponto de vista metodológico, esta é uma pesquisa de campo pautada em uma abordagem qualitativa. Nesta modalidade de estudo, segundo Motta-Roth, Hendges, (2010) apud Cordeiro (1999) “observa-se fatos humanos ou sociais tal qual ocorrem, atentando para as variáveis que afetam esses fatos e registrando-as, para depois confirmar ou rejeitar as hipóteses levantadas.” Neste aspecto, era importante que fosse possível captar os gestos, posturas e atitudes dos participantes presentes no estudo.

Os participantes foram jovens Surdos de uma escola Inclusiva do município de Balsas no estado do Maranhão, em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio, no qual participaram da pesquisa dois alunos Surdos com a faixa etária entre quinze e dezesseis anos, não se levando em consideração o grau de surdez dos participantes, visto que todos esses surdos se comunicam por meio da Libras. No texto de análise os alunos serão denominados de A e B, preservando sua identidade

A coleta de dados realizou-se em oficinas desenvolvidas em sala de Recursos Multifuncionais do Centro de Ensino, essas oficinas foram desenvolvidas por meio do debate de contos Brasileiros (O Curupira, a Lenda da Iara e a Lenda da Mandioca). A proposta estava firmada na recontação das histórias pelos alunos. A apresentação foi registrada por meio de vídeos, que posteriormente foram assistidos e transcritos da língua de sinais para a língua portuguesa. (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Após essa etapa, as transcrições foram submetidas à análise, no qual o foco foi uma análise na abordagem quanto ao uso dos classificadores por esses estudantes Surdos percebidos nas gravações.

3 O contar de histórias

E sabendo que o aluno Surdo enquanto telespectador anseia por esse momento lúdico e das necessidades metodológicas que devem ser adequadas para esse público, para haver o desenvolvimento da criança, pensou-se em quais seriam os métodos mais eficazes para contar história aos alunos com surdez? E o material adequado? O que poderia prender a atenção das crianças surdas e proporcionar uma aprendizagem significava?

Foi-se pensar nas possíveis respostas. Como é que esses alunos se sentiram estando em uma roda de contação de histórias e não poderem adentrar nesse momento lúdico com a mesma emoção que uma criança ouvinte tem, ao ouvir o contador se expressa em diferentes modulações sonoras. Surgiu à hipótese da imagem não-verbal, encenar, usar as expressões faciais/corporais e os classificadores nesse processo de contar a história, para estimular a criatividade, e a capacidade expressiva da criança surda por meio da linguagem corporal. Portanto, Reily (2008, p. 133):

Surdos, ao sinalizar, olham-se nos olhos, nas mãos; a visão periférica dá conta de assimilar os movimentos das mãos e do corpo. O ritmo é fundamental: ao relatar com a ação ocorreu, o tempo do discurso sinalizado é marcado – e nisso o exagero na gestualidade tem papel comunicativo preponderante com agilidade, com letargia, descompassadamente ou erraticamente.

Através desses recursos, os jovens surdos desenvolverão a língua de sinais por meio do contar e irão apropriar-se dos sinais específicos com facilidade através do lúdico, tendo em vista a identidade e cultura desse sujeito.

O surdo poderá utilizar a fantasia e tornar o personagem que está sendo contado, oportunizando a capacidade imaginativa do surdo. Dessa forma, desenvolvemos oficinas, utilizando materiais que se adequam a esse público jovem, partindo dos pressupostos visuais que os mesmos necessitam.

Foram utilizados materiais visuais para prender a atenção deles, como: slides contendo imagens dos contos regionais e vídeos em Libras. Procuramos utilizar mais as expressões faciais/corporais juntamente com o morfema lexical, classificador.

Nesse processo de apropriação de L₁ por surdos, levamos em consideração, sobretudo, a “cultura surda”, modo como estes se apropriam do conhecimento linguístico e sociocultural para significar e interagir com o mundo.

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição) como meio de comunicação. Desta experiência visual surge à cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressa, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade de intérprete, de tecnologia de leitura (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 2018).

Quanto ao ato de contar histórias, não é uma tarefa fácil e requer certa habilidade, exercício e formação para controlar todos os mecanismos que entram em ação cada vez que se quer comunicar uma história a uma plateia.

A arte de narrar uma estória é uma atividade espontânea, pois observamos cotidianamente tudo que ocorrem e relatamos de maneira natural. E em particular a criança, demonstra interesses e curiosidades relacionar em tudo o que é visto e contado a ela. Não há temas atuais ou remotos, bons ou ruins, se for uma boa obra repassada de forma didática, o locutor receberá harmonicamente a expressão da arte, o assunto abordado. Pois para a Abromovich (1997, p. 138) “o imaginar é também recriar realidades”. A literatura infantil didaticamente estimula os pensamentos, introduzindo-a nas ideias, de modo que desenvolvam a inteligência da criança e enriqueça posteriormente a sua linguagem.

4 A Língua Brasileira de Sinais

Quando falamos em Língua Brasileira de Sinais, ainda hoje há pensamentos errôneos a respeito, precisamos entendê-la como língua em uma modalidade diferente da Língua Portuguesa.

[...] as línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais; são línguas espaço visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço (QUADROS 1997, p. 46).

Por ter essas peculiaridades nas línguas de sinais de ser uma língua espaço visual, no qual com várias pesquisas na área, percebemos que são línguas que possuem gramática própria, uma língua com todos os requisitos que uma língua necessita. O aluno surdo precisa apropriar-se dessas estruturas gramaticais e peculiaridade. Segundo

Quadros (1997, p.48) as línguas de sinais são línguas tão complexas e expressivas quanto às línguas orais.

Dentro do campo de estudos fonológicos da língua de sinais, no caso mais específico na Libras, percebemos que para a formação de um sinal, precisamos identificar as unidades mínimas, chamados de parâmetros. Baseado em Ferreira Brito (1995, p.23) em que “os parâmetros fonológicos da Libras, classificados em configuração de mãos (CM), locações (L) e os movimentos (M). No qual para a execução de um sinal”, requer a junção desses parâmetros.

Os classificadores na língua de sinais possuem aspectos fonológicos, morfológicos ou sintáticos enquanto aos afixos ou itens lexicais. E nesse contexto há divididos diversos tipos de classificadores, segundo Supalla (1986) citado pela Felipe (2002, p. 7-8) subdividem o morfema:

- **Especificadores de tamanho e forma:** são configurações de mãos que simbolizam diversas formas. O qual foi subdividido em especificadores de tamanho e forma estática, como os objetos longos, redondos, quadrados, dentre outros; já os especificadores de tamanho e forma em traço, está relacionado à mão, movendo-se no espaço, traça as linhas do referente em duas ou três dimensões. Como a descrição de uma boia, cano, varal, etc;
- **Classificador semântico:** são configurações de mãos que representam categorias semânticas: classificadores de objetos como pernas de: pessoas, animais (cachorro, aranha, etc); e classificadores de objetos horizontais, verticais, etc;
- **Classificador do corpo:** todo o corpo do emissor pode ser usado para representar seres animados, sendo esta classe uma marca de concordância nominal;
- **Classificador parte do corpo:** a mão ou alguma outra parte do corpo do corpo do emissor é usada para representar alguma parte do corpo, isto é, uma localização referente. O qual foi dividido em: especificadores de tamanho do corpo (dentes na boca, listras de um tigre) e classificadores dos membros (mãos e antebraço; pernas e pé), características utilizadas com intensidade na expressão facial e corporal.
- **Classificador instrumento:** uma representação mimética ou visual-geométrica do instrumento mostra o objeto sendo manipulado, mas este não é diretamente referido. Este tipo foi subdividido em: classificador mão, como instrumento

usado para contratar os vários meios que a mão utiliza o objeto sólido de tamanho e formatos diferentes; classificadores ferramentas usados para operar ferramentas manualmente, por exemplo, a tesoura de jardinagem.

- **Morfemas para outras propriedades de classes de nomes:** usadas para mostrar consistência e textura (líquido, macio, etc.); integridade física (quebrado, espedaçado, etc.); quantidade (coleção, muitas pessoas, etc.); posição relativa (uma pessoa acima de outra, status, etc.).

5 O processo do uso dos clasificadores

Para a realização das atividades de letramento foram usadas três histórias pertencentes ao folclore brasileiro, são eles: O Curupira, a Lenda da Iara e a Lenda da Mandioca, foram escolhidas as traduções em vídeo realizadas pelo Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Inicialmente os alunos assistiram as três lendas folclóricas em língua de sinais, em seguida o instrutor de Libras realiza um debate com os Surdos evidenciando alguns fatos ocorridos em cada vídeo, essas interações entre ambos aconteceram em alguns encontros, oportunizando uma análise da capacidade linguística dos alunos de recontarem a história.

A Lenda: O Curupira

Nessa história a aluna A tenta recontar o que conseguiu compreender para os outros colegas de turma, durante seu relato há omissão de alguns momentos importantes, por exemplo, o diálogo entre os caçadores antes de começarem a caçar na floresta, outro aspecto é o fato da aluna não organizar sintaticamente os personagens do enredo, deixando a história confusa ocasionando má interpretação das ações que acontecem para quem está assistindo à explicação.

A aluna situa o ambiente da história, que é na floresta, fala da presença de caçadores, mas não especifica se são um, dois ou vários, percebeu-se que há uma reprodução dos movimentos dos personagens, mas não há um uso preciso de classificadores, por conta disso a aluna se desloca de um lado para outro na frente da sala copiando o que seria a ação dos personagens.

O aluno B demonstrou mais dificuldade em recontar a lenda, em muitos momentos busca um feedback dos outros colegas para unir as cenas que ele lembrava e assim relatar sua compreensão da história. Houve algumas pausas no relato, talvez pela tentativa de o aluno organizar ações na memória e expor em seguida. Ele cita a presença dos caçadores, o momento em que eles estão caçando, e a chegada do Curupira.

A lenda em si fala que o Curupira protege a floresta das ações maléficas dos caçadores, na história do vídeo, os caçadores são pegos de surpresa com a chegada do protetor da floresta, o aluno demonstra a expressão facial de susto, nesse aspecto usou-se o classificador descritivo, também há o uso do classificador de forma ao representar a arma usada pelos homens para se defenderem do Curupira. Depois a história do aluno fica confusa, pois não fica claro o que acontece no final do enredo. Os homens são castigados? Fogem de medo?

Lenda: A Iara

Nesse enredo a aluna A consegue usar com mais eficácia os classificadores, por exemplo o classificador de forma, relacionado a estrutura da lança utilizado pelos índios. Em seguida demonstra a ação dos nativos no ato de pescar, reproduzindo o movimento da lança jogada para o rio, como também a caminhada dos índios de volta para a oca, caracterizado pelo classificador de ação, mas a aluna utiliza de forma equivocada, já que não evidencia quantas pessoas estão caçando e voltando para a oca.

Na Lenda são três pessoas que conversam entre si durante a trajetória feita entre a floresta e a aldeia, a aluna faz referência de apenas uma pessoa. A personagem principal é Iara, uma mulher sedutora metade humana, metade peixe que seduz os homens para o fundo do rio. A aluna faz uma rápida referência a Iara fazendo uso do classificador de descritivos caracterizando seu corpo e o balançar da cauda, em alguns momentos a descrição da personagem se confunde com seu próprio sinal

A aluna A ainda relata a última ação da história no qual um índio é seduzido pela Iara para o fundo do rio o que resultou na sua morte, a Surda descreve o local onde a mulher-peixe está e a ação do indígena mergulhando na água, optando pelo uso de sinais sem nenhum classificador, o que dificulta a construção imagética da cena.

Lenda: Origem da Mandioca

Durante a contação da história o aluno B não consegue descrever com clareza as informações do vídeo como também não segue uma ordem cronológica dos fatos, por conta disso agrega várias informações que não condiz com a lenda em si, por exemplo, o diálogo que há entre os índios de uma tribo, o aluno coloca que eles reclamavam do calor descrevendo até as expressões faciais (classificador descritivo), mas verdade os índios conversavam sobre o nascimento da primeira filha de um deles.

Na história o bebê nasce e o pai da criança vai para a oca conhecê-la, o aluno usa o classificador de movimento para representar essa ação, neste caso a caminhada do índio até o local o recém-nascido estar. O aluno B não usa um classificador para caracterizar a casa em si, mas o movimento da rede onde a criança se encontra, e explica por meios de sinais o gênero biológico do neném e o nome de batismo que foi dado – Mani, devido sua pele ser bem branquinha.

A contação do aluno se encerra até esse fato, na história original, a bebê índia falece e no local que é enterrada surge uma planta no qual sua raiz é succulenta e que pode servir de alimento, sendo denominada pelos índios de mandioca em homenagem a Mani. O Surdo B não conseguiu contar e explica a origem da mandioca, considerado o desfecho da história, durante toda sua narrativa deu preferência ao uso de sinais do que classificadores.

A aluna A centraliza sua contação em dois aspectos o nascimento e a morte de Mani, a Surda faz alusão a rede no qual o bebê está usando o classificador de movimento, mostra o sinal de batismo da criança e a satisfação da família com a sua chegada. Em seguida a aluna relata a tristeza dos pais ao descobrirem a morte da filha, não há descrição do enterro do corpo, mas há o uso do classificador de ação para mostrar o nascimento de uma planta e também o momento em que o vegetal é arrancado da terra.

A aluna não usa classificador para descrever o formato e a textura da raiz, ela o caracteriza com o uso do sinal branco, alegando a cor clara da planta tuberosa ao ser partido ao meio pelos índios movidos pela curiosidade do que poderia ser um novo alimento, na contação dessa cena a Surda utiliza um classificador de ação, representando o momento do corte da mandioca.

A Surda consegue concluir a história, mas não deixa claro que na lenda da mandioca a morte de Mani é que motivou o surgimento da planta. Faltou uma descrição maior dos detalhes relevantes, como o diálogo entre os índios.

6 Considerações finais

O uso de atividades lúdicas na aprendizagem de uma língua é de grande relevância quando empregada no contexto da sala de aula, no caso dos Surdos torna-se mais essencial devido ao fato de pertencerem a um grupo utente de outra língua, no caso, a língua de sinais, língua esta que é desconhecida muitas vezes pelos próprios gestores e professores do aluno Surdo.

Percebeu-se durante os encontros com o instrutor de Libras interesse pelos alunos devido ao uso de vídeos de histórias do folclore brasileiro, trazendo um conhecimento de aspectos da cultura do país em que ambos os alunos desconheciam, e o principalmente por esse material está traduzido em língua de sinais e os personagens serem os próprios Surdos que atuam no INES.

Mesmo com o uso de recursos, os alunos Surdos participantes demonstraram dificuldades em recontar a história com exatidão, em muitos momentos ambos não conseguiam dizer uma cena completa da história, faltava-se sinais, memória visual, o que ocasionava várias interrupções e/ou repetição de vários momentos que já tinham sido falados anteriormente.

O que se conclui é que os alunos ainda não obtiveram fluência na língua de sinais o suficiente para conseguir recontar as histórias presentes nos vídeos, há a necessidade de um trabalho maior na aprendizagem da Libras para que eles possam ter um domínio mais preciso da língua.

Este trabalho evidencia apenas um dos aspectos linguísticos da Libras, o classificador, além disso, demonstra uma realidade que não é isolada – Surdos frequentarem a escola e não terem domínio da Libras como também do português, o que dificulta o trabalho de professores e instrutores no processo de ensino e aprendizagem desses alunos, reforçando mais uma vez a importância do Surdo ter acesso a uma educação bilíngue desde os primeiros anos da Educação Básica para quando

ingressarem no ensino médio ou mesmo no ensino superior não tenham uma fragilidade linguística tão presente.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL, **Decreto Nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002: Brasília, DF. 2005.

_____. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

_____. **Lei nº 12.319**, de 1 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

FELIPE, Tanya A. **Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero**.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito – Langevin de Transição de Sinais. In: FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

LODI, A. C. B; HARRISON, K. M.P; CAMPOS, S. R.L. de; TESKE, (orgs.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MOTTA-ROTH, D; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. ArtMed: Porto Alegre, 2004

REILY, L. H. **Escola inclusiva: linguagem e mediação**. Campinas: Papirus, 2008.

PERLIN, Gladis. MIRANDA, Wilson. **Surdos: o narrar e a política**. Ponto de vista, Florianópolis, n.05, p. 217- 226, 2003. Disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249. Acesso em: 15 jul. 2015.

Littera Online

Edição especial, vol. 9, 2018

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão